

ENCONTRO ENTRE O TEATRO E A EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE PESQUISA TEATRAL SIGNATORES

Meeting between acting and education: the experience of Signatores theatrical research group

Adriana de Moura Sommacal

Marcia Berselli

Adriana de Moura Sommacal.

Graduada em Teatro – Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), aluna do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação (PPGEdu/UFRGS). Professora de teatro no Programa de Descentralização da Cultura, da Prefeitura de Porto Alegre. Título da pesquisa: “Gestos que falam: Diálogos entre Teatro e Educação”. Endereço eletrônico: adrisommacal@yahoo.com.br

Marcia Berselli.

Graduação em Teatro – Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em andamento. Atua na UFRGS/ Teatro. Título da pesquisa: “Gestos que Falam: Diálogos entre Teatro e Educação”. Endereço eletrônico: marci.bob@gmail.com

Material recebido em 10 de maio e selecionado em 26 de junho de 2011

RESUMO

O artigo apresenta a pesquisa “Gestos que falam: Diálogos entre Teatro e Educação”, abordando a linguagem teatral com surdos, realizada pelo Grupo de Pesquisa Teatral Signatores. Os objetivos são instrumentalizar os participantes surdos na linguagem teatral, formar o professor/pesquisador na área teatral, investigar as possibilidades de criação teatral com surdos, valorizar, difundir as formas de expressão cultural e ampliar a comunicação entre

surdos e ouvintes. Utilizamos como base para o trabalho empírico os autores Augusto Boal (1991) e Jean-Pierre Ryngaert (2009).

Palavras-chave: Teatro, Surdez, Educação.

ABSTRACT

The article presents the research “Gestures that speak: Dialogues between Theatre and Education” by addressing the theatrical language with deaf people conducted by the Theatre

Research Group Signatores. The goals are to empower the deaf participants in theatrical language, form the teacher/researcher in the theater field, investigate the possibilities of theatrical creation of deaf people, enhance, disseminate cultural forms of expression and expand communication between deaf and hearing people. The base for the empirical work are the authors Augusto Boal (1991) and Jean-Pierre Ryngaert (2009).

Keywords: Theatre, Deaf, Education.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

O GRUPO

O Grupo de Pesquisa Teatral Signatores foi formado em 2010, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Surgiu do interesse comum dos seus participantes em investigar os processos de construção da linguagem teatral com pessoas surdas. No teatro, o corpo do ator é o seu próprio instrumento artístico, e a expressão corporal é um dos meios privilegiados de comunicação com a plateia. Na cultura surda, a expressão corporal vai além de uma forma de comunicação, ela faz parte da construção gramatical da língua dos surdos, a língua brasileira de sinais (Libras). A possibilidade de experimentação na interface da utilização corporal da língua de sinais e da linguagem teatral foi o ponto de partida para esta pesquisa.

A EQUIPE

Com a coordenação de Sergio Lulkin, a equipe é composta pelos mestres em educação Augusto Schallenberger e Luiz Daniel Rodrigues, intérprete de língua brasileira de sinais (Libras), e pelas professoras de teatro Adriana de Moura Sommacal (licenciada em teatro) e Marcia Berselli (graduanda em teatro).

A PROPOSTA

A proposta do grupo determina a escolha do seu nome: *Signatores* vem da junção das palavras “signo” e “atores”. Um grupo de teatro composto por atores que se utilizam da língua de sinais, sendo eles surdos ou ouvintes. Sendo também

um trocadilho com as palavras “signatário” e “signatura”, encontrando nas duas palavras a origem em latim “signare” (aquele que assina); o ator que assina, o ator/autor do seu próprio trabalho, um “signator”.

Os Signatores têm como proposta a pesquisa dos processos de construção da linguagem teatral própria da cultura surda. Para tal, os Signatores estão realizando o projeto “Gestos que falam: diálogos entre teatro e educação”. O projeto ganhou o prêmio oferecido pelo concurso Décio Freitas, edição 2010, com o financiamento do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural (Fumproarte), da Prefeitura de Porto Alegre. O projeto tem como objetivo democratizar o acesso aos bens culturais; instrumentalizar os participantes na linguagem teatral; valorizar formas de expressão cultural; ampliar formas de comunicação entre surdos e ouvintes; difundir o processo por meio digital com larga abrangência; divulgar a cultura da comunidade surda na sociedade ouvinte. O projeto iniciou em janeiro de 2011 e tem a duração de dez meses, sendo três meses de organização e reflexão teórica e sete meses de coleta de material durante a “Oficina de teatro para surdos”, oferecida gratuitamente e realizada na Casa de Cultura Mario Quintana (Porto Alegre/RS).

A maior parte do desenvolvimento do projeto “Gestos que falam” encontra-se na execução da “Oficina de teatro para surdos”. A oficina é elaborada pelo grupo e ministrada, em conjunto, por dois professores: um surdo e um ouvinte. A língua utilizada durante as aulas é a Libras, em uma comuni-

cação direta entre professor aluno. O intérprete acompanha as discussões de grupo e as aulas com caráter teórico, sobre a história do teatro. No decorrer da oficina estamos coletando material através de diários de campo, registrado pelos professores, bem como o registro de fotos e vídeos, que também abrem espaço para o olhar do aluno sobre o trabalho desenvolvido. Através de vídeos com depoimentos sobre a prática desenvolvida, o aluno surdo tem a possibilidade de expor seu ponto de vista, suas expectativas, seus pensamentos. Nessa perspectiva leva-se em conta o

[...] reconhecimento que o povo tem de ser sujeito da pesquisa que procura conhecê-lo melhor. E não objeto da pesquisa que os especialistas fazem em torno dele. Nesta segunda hipótese, os especialistas falam sobre ele; quanto muito, falam a ele, mas não com ele, pois só o escutam enquanto ele responde às perguntas que lhe fazem. (Freire, 2008, p. 34)

Colocamos em evidência o levantamento de dados na área teatral por encontrar uma singularidade na comunicação do sujeito surdo. A relação do surdo com um corpo expressivo, um corpo que se comunica além das formas cotidianas, está diretamente conectada. Para o surdo, o seu corpo, com variação de intensidade da sinalização da sua língua, a língua brasileira de sinais (Libras), constitui um elemento gramatical.

Na prática dramática, a imaginação, as ideias e os sentimentos são representados através da imagem e da ação. Conhecer as convenções e as regras da linguagem

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/11

69

teatral habilita os participantes a criar formas que tornam mais conscientes as suas ideias e sentimentos, consolidando assim o conhecimento de si, dos outros e do mundo. Através de técnicas teatrais, jogos, improvisações, discussões e montagens de cenas, criam-se diálogos com as vivências dos participantes. Percebendo as suas experiências com uma visão mais crítica, são levantados pontos de vista possíveis, em que o sujeito possa exercitar outras formas de reflexão, tal como nos indica Ryngaert:

Teatro, comunicação, terapia – o jogo, tal como o encaramos, mantém relações naturais com esses três campos de atividade. Concentrando nossas preocupações no jogo e na capacidade de jogo dos participantes, ele nos interessa ao mesmo tempo como experiência sensível, experiência artística e relação com o mundo. (Ryngaert, 2009, p. 34)

Nas atividades dramáticas é clara a intenção de comunicação, de construção e interpretação de sentidos como forma de comunicar-nos com o nosso mundo interior e com o mundo em que vivemos. No processo dramático os participantes trocam de lugar; ora são intérpretes, ora são espectadores; interpretam conteúdos sociais e íntimos, negociando e refletindo sobre o sentido do material produzido. Assim, a oficina promove a formação dos indivíduos participantes da pesquisa (alunos e professores); habilitando um espaço onde o aluno surdo possa se expressar através da arte. Nesse processo, a pesquisa também está vinculada com a for-

mação do professor/pesquisador. A questão do ensino, nos moldes buscados pela pesquisa, propõe uma formação através da troca de conhecimento entre aluno e professor, onde não existe uma figura detentora do conhecimento. O diálogo passa a ter a relevância de uma ferramenta pedagógica, a percepção compartilhada da experiência dos participantes. Constatamos na prática da oficina, em alguns momentos, uma inversão à tradicional hierarquia já que é o aluno que ensina o professor, mostrando novas perspectivas para alcançar os objetivos propostos pelos jogos teatrais.

Construindo a partir de si uma significação da sua cultura, o sujeito surdo torna-se apto a difundir essa cultura, sendo um agente social e não apenas o indivíduo que sofre a ação. Sabemos que a sociedade ouvinte, em grande parte, desconhece a cultura surda, e, nos moldes que a conhece, geralmente é através do olhar do próprio sujeito ouvinte. Ao terem diante de si a possibilidade de expressarem-se e “colocando sob suspeita as narrativas ouvintes sobre sua língua, sua comunidade e suas produções culturais, os surdos apontam outras possibilidades para se pensar a surdez” (Thoma, 2005, p. 67).

As práticas dramáticas, enquanto trabalho realizado em conjunto, estimulam o aprendizado a partir da observação e da interação com o outro. O outro é uma das nossas primeiras fontes de conhecimento. Através dos jogos teatrais os surdos têm a possibilidade de desenvolver atividades em grupo, sem que se estabeleça, prioritariamente, a competição:

A capacidade de jogo não é uma qualidade intrínseca, que paira no ar. Ela se manifesta quando a ocasião permite “representar para si diante dos outros”, fora de qualquer noção de prova ou de exercício. (Ryngaert, 2009, p.47)

Assim, a prática teatral fornece condições para a formação e o desenvolvimento da confiança em grupo. As atividades e jogos teatrais desenvolvidos buscam a conversão dos participantes em um grupo coeso, que sirva de princípio através do qual o participante, espelhando-se no desenvolvido em conjunto com o grupo, possa buscar, fora desse meio, interação com a sociedade.

O teatro com surdos está presente, com maior recorrência, nas escolas como recurso educativo. A proposta arte/educação pode se apresentar como uma forma de expressão do aluno, que vê através das artes dramáticas uma possibilidade de se colocar perante a sociedade como sujeito ativo, como explica o professor e pesquisador Fernando Azevedo:

O Teatro/Educação, por meio de situações de jogos, promove a passagem do sujeito passivo na ação de cena para o sujeito ativo da ação de cena. Neste caso, o aluno/ator passa da situação de mero espectador para a situação de protagonista, assumindo as rédeas da ação de cena. O jogar, neste sentido, não é uma fuga, um refúgio, mas surge como possibilidade íntegra de criação e recriação de expressões significativas de vida. (Azevedo, 2002, p. 48)

O teatro oferece aos cidadãos os meios estéticos de analisarem seu passado, no contexto do presente,

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

para que possam inventar seu futuro, ao invés de esperar por ele. Conforme a pesquisadora Maria Helena Araújo:

O Teatro, como também as outras formas de arte, rompe barreiras, destrói modelos, nos dá oportunidade de nos recriar a cada momento, e é criando que o indivíduo realiza suas potencialidades, e é por isso que o comportamento criativo gera tanto prazer. (Araújo, 2002, p. 122)

Partimos do ponto que o teatro estimula o potencial artístico dos sujeitos que queiram se comunicar por meio da arte, sendo eles surdos ou ouvintes. Nessa linha de pensamento, utilizamos como ponto de referência Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido, inúmeras técnicas teatrais onde os alunos, a partir de suas experiências, elaboram cenas onde podem expressar e discutir suas opiniões e visões acerca dos fatos políticos, sociais e econômicos de seu entorno. O Teatro do Oprimido compreende um conjunto de exercícios, técnicas teatrais e jogos que têm por objetivo resgatar o teatro como instrumento eficiente no entendimento e na procura por soluções para problemas interpessoais e sociais. Suas diretrizes pedagógicas – cultural, política, terapêutica e social – sugerem a formação de um espectador mais protagonista das ações da própria vida, estimulando a reflexão sobre o passado, mudando o presente e criando um novo futuro:

O que a poética do oprimido propõe é a própria ação! O espectador não delega poderes ao personagem para que atue nem para que pense em seu

lugar: ao contrário, ele mesmo assume um papel protagonista, transforma a ação dramática inicialmente proposta, ensaia soluções possíveis, debate projetos modificadores: em resumo, o espectador ensaia, preparando-se para a ação real. (Boal, 1991, p. 126)

Segundo Boal, aprendemos a sentir, sentindo; a pensar, pensando; a agir, agindo. Teatro é um ensaio para a realidade. A arte assim utilizada, além de proporcionar o desenvolvimento do sujeito surdo como artista, legitima uma cultura ignorada por longa data pela sociedade de maioria ouvinte, e abre caminho para um intercâmbio de conhecimentos e para a construção como sujeito do indivíduo surdo. Lulkin afirma que

as atividades dramáticas produzem uma gama de eventos e falas que constituem uma memória histórica. Essa memória histórica constitui, no sujeito surdo, uma voz que deve ser privilegiada quando em contato com a cultura da maioria ouvinte. A história do conhecimento humano está impregnada do próprio desconhecimento da condição do sujeito surdo, legitimado pelos registros históricos sociais, pela ciência médica, pela educação. Ao reconhecermos o estatuto da língua de sinais e da expressão cultural própria do estudante surdo, estaremos consolidando uma memória histórica social fundamental para o avanço das condições de educação do sujeito surdo. Esta memória está composta em parte, pelas performances cênicas: teatro, histórias sinalizadas, piadas, poesia sinalizada. (Lulkin, 1997, p. 65)

As atividades dramáticas, além de auxiliarem no desenvolvimento

pessoal e social, abrem caminho para os surdos descobrirem uma realidade que nem sempre lhes é acessível em uma sociedade que interage, em grande parte, através da fala. Em contato com a linguagem dramática e artística o surdo se vê estimulado a participar também de outras manifestações artísticas e culturais, direito este que cabe a todos os cidadãos. Apropriados das técnicas que envolvem a prática teatral, os participantes estarão também qualificados artisticamente, possibilitando a difusão da arte teatral para sua comunidade e para a sociedade em geral.

Nesse processo os professores aparecem como mediadores no desenvolvimento de tarefas, propondo desafios, através de jogos de teatro, que deverão ser solucionados pelo grupo utilizando criatividade e concentração. Os alunos são provocados pelos obstáculos e resolvem da sua maneira as questões propostas, não existindo uma única forma ou uma forma correta de resolução. Durante o processo, o professor oportuniza descobertas das soluções para as questões propostas. Cabe ao professor garantir um grau de exigência que implique real esforço e progresso dos participantes, evitando passividade, insegurança e ansiedade. É uma etapa de investigação prática seguida de reflexão, onde os planos de atividades são repensados a cada encontro, sem perder o foco do objetivo geral das aulas.

A questão da formação do professor habilitado ao trabalho com a acessibilidade, aceitação das diferenças e conhecimento psicopedagógico adequado, está presente nas demandas das políticas da educação nacional. Do ponto de vista

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/11

71

do desenvolvimento metodológico no trabalho com o teatro, relacionamos alguns saberes que Paulo Freire nos coloca, nos quais o professor deve priorizar a identidade do aluno em sua prática buscando a coerência da relação. Paulo Freire é criador de uma pedagogia que, entre outros pontos, busca a autonomia na relação entre aluno e professor. Segundo Freire (1996, p. 47): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Visando novas formas de transmissão de informações coletadas, o Grupo Signatores construiu o seu *site*¹ trilingue (português-Libras-inglês) para publicar e difundir o pro-

cesso de uma pesquisa aberta, de livre acesso ao público geral. Outra ferramenta de comunicação utilizada são as redes sociais (facebook, twitter e youtube). As informações podem ser difundidas de forma mais ágil e com a possibilidade de troca entre outros grupos de pesquisa, profissionais, interessados e curiosos sobre o teatro com surdos. Utilizando-se das atuais ferramentas digitais, os Signatores pretendem suprir a necessidade de um público de profissionais que têm interesse em trabalhar com surdos, mas têm dificuldades de encontrar informações sobre essa prática teatral. A pesquisa visa construir e publicar material pedagógico que venha a auxiliar os demais professores que trabalham nessa área. Sabe-

mos da existência do trabalho das práticas teatrais com surdos, porém não há material teórico suficiente e de fácil acesso, sobre essas práticas. O professor que inicia seu trabalho nas atividades dramáticas acaba por ter de iniciar sua pesquisa com uma base teórica insuficiente em vista da falta de publicações que garantam uma continuidade e um histórico desse investimento.

Parte do processo de visibilidade cultural encontra-se na promoção das potencialidades artísticas. Há necessidade de produção de materiais pedagógicos e publicações para fomentar novas discussões, investigações, buscando a ampliação dos pontos de vista da sociedade sobre os sujeitos que a compõem.

1 Website do grupo: www.signatores.com.br

Referências bibliográficas

ARAÚJO, M. H. T. “Teatro: um caminho de inclusão”. *Caderno de Textos Educação, Arte, Inclusão*, ano 1, nº 2. Dez./2002 a mar./2003, p. 121-122.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. “Teatro/Educação: território em que dialogam diferentes culturas”. *Caderno de Textos Educação, Arte, Inclusão*, ano 1, nº 2. Dez./2002 a mar./2003, p. 47-48.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LULKIN, S. A. “Atividades dramáticas com estudantes surdos”. In SKLIAR, Carlos (Org.). *Educação e Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 53-66.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar: práticas dramáticas e formação*. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, Poder e Educação de Surdos*. Manaus: EDUA, 2002.

THOMA, Adriana da Silva. “A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema.” In LOPES, Maura Corcini e THOMA, Adriana da Silva (Org.). *A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005, p. 56-69.